

A APROVAÇÃO DO HOMESCHOOLING E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA SITIADA: A REIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DOMÉSTICA

Lidnei Ventura ¹

RESUMO

O presente trabalho analisa o fenômeno do homeschooling no Brasil, seu processo de legitimação no marco da educação nacional, bem como suas consequências na retração de políticas públicas educacionais. Com base na Teoria Crítica da Sociedade, a investigação da educação domiciliar, aprovada recentemente pelo Congresso Nacional, passa pela análise da hegemonia de grupos conservadores, de viés reacionário, que atualmente estão no controle da educação brasileira. Resultados preliminares do estudo apontam para uma concepção e práxis político-pedagógica de uma educação sitiada no interior burguês, cujas consequências a médio e longo prazo desembocam na formação narcísica e solipsista de crianças e jovens. Tal processo agrava ainda mais o quadro de semiformação instituído pela modernidade, analisado por Theodoro Adorno e Walter Benjamin com relação à decadência da narrativa, da experiência [*Erfahrung*] e da comunicabilidade, cedendo lugar às trivialidades das vivências [*Erlebnis*] cada vez mais solitárias, e inviabilizando uma educação libertadora e emancipatória. Concebe-se, assim, o *homeschooling* como um fenômeno derivado do processo cada vez mais acentuado de interiorização da sociedade burguesa, que retrai ao plano privado uma das mais importantes conquistas das revoluções liberais: a escola pública universal moderna. Tal fenômeno aprofunda a crise da educação brasileira, asfixiada por reformas neoliberais que, nas últimas décadas, têm provocado retração nos investimentos públicos e precarizado, ainda mais, suas condições de ampliação e qualificação.

Palavras-chave: *Homeschooling*, Educação conservadora, Interior burguês, Experiência, Vivência.

INTRODUÇÃO

Acompanhando as tendências regressivas e pautas neoliberais para atender os interesses do mercado, a educação brasileira tem sido alvo de ataques constantes a fim de conformá-la ao ideário do modo de produção flexível. Desde a publicação da atual Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, grupos “reformistas”, alinhados aos interesses neoliberais têm se tonado hegemônicos na elaboração e aprovação de políticas públicas alinhadas ao que Saviani (2011) chama de neoprodutivismo, ou seja, a uma perspectiva de adequação da educação nacional ao regime de produção e acumulação toyotista, materializada nos discursos de “qualidade total”, “competências”, “flexibilidade” etc. Inclusive, a Base Nacional Comum

¹ Doutor em Educação. Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC - SC, llventura@gmail.com



Curricular (BNCC) para a educação básica e a Base Nacional Comum – Formação (BNCC-Formação) não são outra coisa, senão a implementação prática nos currículos escolares da pedagogia das competências, cujas bases são os dogmas da reengenharia administrativa e produtiva das últimas décadas.

No conjunto dessas investidas (neo)conservadoras e (neo)liberais, vimos em 2022 a aprovação do *homeschooling* ou educação doméstica, algo até então não permitido pela legislação educacional. Ainda em fase de aprovação no Senado Federal, a lei do ensino doméstico apresenta-se como um verdadeiro escolho ao desenvolvimento da educação nacional, assim como para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, como argumentaremos a seguir.

O presente trabalho se enquadra em um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado “Atualidades da Teoria Crítica da Sociedade para o pensamento educacional contemporâneo: *Bildung* e *Halbbildung* nos rastros da modernidade”, que se propõe a investigar as contribuições da Teoria Crítica da Sociedade para a educação contemporânea. A referida pesquisa se debruça sobre a crise da educação atual e as correspondentes retrações das políticas públicas da brasileira, colocando em risco seus princípios constitucionais, tais como a universalidade, gratuidade e laicidade. Nesse texto, ora apresentado no VIII CONEDU, nos debruçamos sobre a análise do fenômeno do *homeschooling* no Brasil, seu processo de legitimação no marco da educação nacional, bem como suas consequências na retração de políticas públicas educacionais e na formação geral das crianças. Com base na Teoria Crítica da Sociedade, a investigação da educação domiciliar, aprovada recentemente pelo Congresso Nacional, passa pela análise da hegemonia de grupos conservadores, de viés reacionário, que atualmente estão no controle da educação brasileira. Resultados preliminares do estudo apontam para uma concepção e práxis político-pedagógica de uma educação sitiada no interior burguês, cujas consequências a médio e longo prazo desembocam na formação narcísica e solipsista de crianças e jovens. Tal processo agrava ainda mais o quadro de semiformação [semi-cultura] instituído pela modernidade, analisado por Theodoro Adorno e Walter Benjamin com relação à decadência da narrativa, da experiência [*Erfahrung*] e da comunicabilidade, cedendo lugar às trivialidades das vivências [*Erlebnis*] cada vez mais solitárias, e inviabilizando uma educação libertadora e emancipatória. Concebe-se, assim, o *homeschooling* como um fenômeno derivado do processo cada vez mais acentuado de interiorização da sociedade burguesa, que retrai ao plano privado uma das mais importantes conquistas das revoluções liberais: a escola pública universal moderna. Tal fenômeno tende a aprofundar a crise da educação brasileira, já asfixiada

por reformas neoliberais que, nas últimas décadas, têm provocado retração nos investimentos públicos e precarizado, ainda mais, suas condições de ampliação e qualificação.

Como são amplos os aspectos que envolvem o fenômeno, vamos nos limitar a três elementos que consideramos mais nocivos da aprovação da educação domiciliar: *Homeschooling* no contexto do neoliberalismo; *Homeschooling* e a atrofia da experiência contemporânea; *Homeschooling* e semiformação. Esses aspectos serão analisados de acordo com as contribuições de dois autores principais da Escola de Frankfurt: Walter Benjamin e Theodor Adorno, sem deixar de considerar outros referenciais que nos ajudem a interpretar o fenômeno em tela.

HOMESCHOOLING NO CONTEXTO DO NEOLIBERALISMO

O neoliberalismo, como regime de acumulação de hegemonia financeira (CHESNAIS et al., 2003) tornou-se dominante a partir do final da década de 1970, a partir da crise do modelo fordista. Desde lá, tem controlado as políticas públicas como forma de controlar o Estado e, por decorrência, a oferta social da educação. No anos de 1980, os governos conservadores de Tacher, no Reino Unido, e Regan, nos EUA, ditaram as políticas de reestruturação do Estado em bases neoliberais, em função da grande crise que assolou o Estado de bem-estar social [*welfare state*] europeu e americano, considerado “pesado de mais” e exigindo limitações nos investimentos públicos e desoneração da máquina estatal. Tendo como marco histórico o Consenso de Washington, em 1989, o encontro das grandes corporações financeiras e países capitalistas hegemônicos tinha como propósito condicionar as políticas públicas, acordos de cooperação e empréstimos às reestruturações das economias nacionais a partir de um amplo movimentos de desoneração do Estado, privatizações, reformas fiscais e tributárias e redução drástica de custos operacionais e de pessoal. A regra de ouro passou a ser: mais mercado e menos Estado. No caso brasileiro, assim como em todos os países capitalistas periféricos, não poderia passar indiferente a essa verdadeira avalanche, condicionando as políticas educacionais às reformas neoliberais programáticas, algo que só acirrou ao longo do tempo, principalmente na última década com a ressurgência do pensamento conservador organizado na economia e na política. Nesse contexto regressivo, a escola pública tem sido o alvo principal da propaganda de desqualificação, contingenciamento de recursos, inibição de investimento público e incentivo às iniciativas de escolas *charter*, *vouchers* e propostas de *homeschool*, alavancada por uma progressiva onda de políticas de Estado mínimo, defendidas pelos defensores do mercado em parceria com a mídia hegemônica.

Como o neoliberalismo vê a escola pública e os seus investimentos como um “peso” para o Estado, surgiram nos últimos anos diversas iniciativas de projetos de lei e mesmo iniciativa de ajuizamento por parte de famílias para aprovação e regulamentação do *homeschooling*. Tais iniciativas, de inspiração sobretudo americana, têm angariado novos adeptos, normalmente vinculados ao pensamento conservador, que encontrou no governo Bolsonaro um importante parceiro na flexibilização da legislação educacional, até o momento restritiva a esse tipo de educação.

Entretanto, o problema não é novo, pois o descaso com a educação pública, universal, laica e obrigatória, sempre esteve na pauta do velho liberalismo. O *laissez faire*, reivindicado por Adam Smith no período em que a burguesia se via às turras contra as regulamentações impostas pela economia mercantilista das monarquias europeias, está na origem do liberalismo e é reeditado pelos (neo)liberais contra as regulamentações do Estado-Providência, conforme defendido com ardor por seus maiores expoentes modernos, tais como F. Hayek e M. Friedman. A questão central smithiana, no entanto, permanece a mesma: retirar do Estado o monopólio de setores que interessam à iniciativa privada por meio de flexibilizações e desregulamentações, deixando a “mão invisível” do mercado agir livremente. No caso da educação, inclusive, coincidem as propostas dos *vouchers* escolares dos autores modernos com a proposta de financiamento da educação defendida em *A riqueza das nações*, de Smith, pois, para ele, o financiamento dos mestres cabe aos alunos, não recaindo esse ônus ao Estado. Mesmo se considerando a diferença de tempo histórico, a proposta é a mesma, isto é, a subtração do Estado na produção/manutenção de políticas públicas e o estabelecimento da livre concorrência, não somente comercial, mas entre os indivíduos, sobrevivendo o mais forte, num caótico salve-se quem puder. Sobre a adequação do *homeschooling* ao neoliberalismo, Brewer e Lubienski (2017, p. 33) apontam que:

Nesse contexto [neoliberal], a educação em casa pode muito bem ser a personificação mais próxima do neoliberalismo, pois provavelmente representa a forma mais próxima de educação que se baseia na auto-regulação, descentralização e elevação do indivíduo/privado sobre o coletivo/público.

Em tempos difíceis como esses, quanto mais o Estado se afasta da educação, mais esta recai no domínio privado, sempre a procura de lucros desmesurados, quer advenham da cobrança de mensalidade ou de verbas transferidas dos cofres públicos, o que coloca em risco princípios fundamentais da educação brasileira, direitos a duras penas conquistados na Constituição de 1988, tais como educação universal, laica, gratuita, gestão democrática,

pluralismo de concepções pedagógicas, igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e outros não menos importantes.

O HOMESCHOOLING E ATROFIA DA EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

As ideias de Walter Benjamin (2012) nos ajudam a compreender que a partir da modernidade a faculdade humana de intercambiar experiências pela narração entra em declínio. A vida apressada, o choque da vida tumultuada e a agudização da perda de espaços de sociabilidade têm tornado os sujeitos mudos, arredios ao diálogo e ao confinamento narcísico. O modo de viver na sociedade burguesa tende a inviabilizar o que Benjamin conceituou como *Erfahrung*, a verdadeira experiência. No lugar dela, em função dos choques frequentes, a vida se pauta no que ele chamou de *Erlebnis*, ou seja, a vivência rápida e fugaz. Sobre essa contradição, Ventura (2020, p. 10) lembra que:

Erlebnis é a fugaz experiência moderna, a vivência individual, esgotada em si mesma, não podendo ser transmissível porque carece de conteúdo e mesmo porque não tem raízes no passado ou em uma tradição que lhe reivindicaria a condição de transmissibilidade. Enquanto a *Erfahrung* prescinde da comunicabilidade do que foi vivido e transmitido a outros, requerendo perenidade e atribuição de sentido no tempo, a *Erlebnis* contenta-se com o ressecamento do ato vivido e consumido no instante presente. A palavra alemã *Fahren*, que dá origem a *Erfahrung*, quer dizer viagem; assim, a experiência é algo que se acumula a partir de conhecimentos que viajam, que vem de longe, no tempo e no espaço. Tanto é que o narrador clássico benjaminiano é o marinheiro ou velho camponês, ambos viajantes ao seu modo ou ‘como alguém que vem de longe’.

A análise benjaminiana é da década de 1930, e embora tenha se passado quase um século de suas reflexões, parece conversar conosco no tempo presente, pois o individualismo não só se intensificou pela interiorização da vida e da família, quanto pela subsunção da sociedade à técnica contemporânea, cada vez mais voltada ao uso privado, incluindo aí o trabalho *home-office*, modelo laboral em ascensão, atrofiando ainda mais a experiência de sociabilidade, enquanto *Erfahrung*. Desde a arte de contar histórias, perceber o semelhante no mundo, até à consideração da tradição ancestral, que cai em desuso, a máquina capitalista originada na modernidade tritura as práticas humanas mais genuínas, que só podem se afirmar e fazer sentido se tiver o outro como parâmetro de existencial.

Se olharmos atentamente, um dos poucos espaços sociais de encontro com o outro e de experimentação da heteronomia, com todos os seus percalços e problemas, é a escola. Esta é ainda o local privilegiado para se ver o outro, para constituição e trocas de experiências, para contação de si mesmo e exercício de empatia, de se colocar no lugar do outro contra os ventos da liquefação dos afetos e dos relacionamentos (BAUMAN, 2001, p. 14). Retroagindo ao

doméstico, o *homeschooling* é a condenação da educação à pobreza da vivência [*Erlebnis*] no interior burguês. E, nesse caso, não se trata de educação como formação (*Bildung*), mas, sim, como aquilo que Adorno (1995) chamou de *Halbbildung* (semi-formação).

HOMESCHOOLING E SEMIFORMAÇÃO

A perda da experiência e o emudecimento dos sujeitos, conforme estudado por Benjmain, fenômeno que só aprofunda na contemporaneidade, deixa suas marca no processo de formação humana (*Bildung*). A falta de referência do outro no procesos formativo tende à constituição de personalidade narcísicas que não conseguem ver senão seus interesses privados. Estudando a formação da personalidade e da linguagem, o filósofo e linguista russo Bakhtin chegou à conclusão de que sem diálogo não podemos nos constituir com humanos. Disse ele: “(...) quanto a mim, em tudo ouço vozes e relações dialógicas entre elas” (BAKHTIN, 2003, p. 409); e isso ocorre porque a busca da voz alheia, da polifonia, é o que nos confere sentido à existência, já que “a vida é dialógica por natureza” (BAKHTIN, 2003, p. 348). Portanto, sem diálogo, não pode haver formação humana completa, somente aquilo que Adorno chamou de semi-formação (*Halbbildung*).

Se a narrativa, como defendeu Benjamin, é condição de humanização na medida em que comunicamos nossas experiência nas relações sociais, a educação doméstica não só atrofia a polifonia social, por manter a criança refém em seu próprio domicílio, quanto retrai sua capacidade de se tornar um “ser social”, na acepção aristotélica de *zoon politikon*, ou seja, um ser que só pode existir em comunidade. Sobre essa questão, Ventura (2020, p. 11) assinala que:

A formação plena da personalidade só pode dar-se em contraste com o seu avesso, o ‘eu outro’ com o qual se identifica ou não e a partir do qual se constitui como individualidade (*Selbstbildung*). Assim como no sentido de tradução, conforme estudado por Antoine Berman (1983), no ensaio *Bildung et Bildungsroman*, em que *Bildung* significa abertura para o estranho (estrangeiro), um lançar-se para fora de si mesmo, a fim de compreender o outro. É nesse movimento cíclico de sair de si mesmo e retornar que consiste em um dos principais aspectos da formação. Isso dá muito no que pensar, pois, ao que tudo indica, a perda da comunicabilidade moderna, tão bem descrita por Benjamin e já referida anteriormente, reside principalmente no declínio da faculdade de ‘traduzir’ (compreender) o outro, seja na nossa própria língua ou em outra. Assim também pode se verificar no sentido de *Bildung* como viagem, que Berman identifica nos clássicos do romantismo alemão, cujo processo formativo também tem o ‘outro’ como parâmetro de constituição de si.

O risco do ensino doméstico reside não só na pobreza da experiência e do processo de semi-formação a que as crianças estariam sujeitas, pois a mediação pedagógica é fundamental para o processo de aquisição de conhecimentos significativos e não instrumentais, mas também para a produção de personalidades doentes, introspectivas e solipsistas. Lembra Elliot (2018, p. 472) que “Está surgindo uma geração de pessoas que pode ser chamada de ‘geração instantânea’ e que trata o individualismo e as compras no mesmo patamar: rapidamente consumidos e de resultados imediatos.”. É essa a nova versão do que Freud (2020) chamou de “princípio do prazer” que, se não for realizado, pode-se converter facilmente em “pulsão de morte” nas personalidades egocêntricas reprimidas.

Ainda sobre a relação entre semi-formação e *homeschooling*, tem-se o risco ainda de produção de toda uma geração que se vê subjugada aos mecanismos do mercado e do consumo, pois não tem como perceber contrapontos de outriedade, outras formas de ser e existir que a escola proporciona. Nesse processo, como afirma Adorno (2005, p. 16), “Os consumidores de pré-fabricados psicóticos se sentem resguardados, assim, por todos aqueles igualmente isolados, que, em seu isolamento numa alienação social radical, acabam unidos por uma insânia comum.”

O processo de escolarização como se sabe, não é antídoto para traumas e frustrações. Entretanto, a vivência escolar possui inúmeras possibilidades de treinamento que antecede a vida adulta, servindo aos inusitados, conflitos e desafios de se viver em sociedade. Em casa, só pode ocorrer o acontecimento cotidiano, o imediato, a repetição das vivências isoladas, narcísicas, quando os desejos vêm prontos como um enlatado, um produto acabado, mas não conquistados, embora satisfeitos no universo doméstico. O problema é que uma hora esse sujeito vai sair da redoma do interior doméstico e suas reações à vida comunitária serão imprevisíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em um momento em que se aprofundam os reclames por um estilo de vida voltado à privacidade e ao Benjamin chamou de “*intérieur bourgeois*”, quando o domicílio se torna a última torre de marfim do indivíduo e do individualismo.

Durante os quase um século e meio de República, a escola tem se apresentado como um contraponto importante aos desígnios puramente familiar, inclusive conflitando com eles muitas vezes, seja do ponto de vista da religiosidade, dos hábitos ou mesmo das ideologias.



Esse contraponto é deveras importante para que a criança se aproprie dos conhecimentos científicos não domesticados, outros modos de vidas e outras ideias, além de ter que compartilhar com os outros, “os de fora”, parte da sua própria vida, descentrando suas posições, controlando seus desejos e ímpetos pelo “bem” coletivo. O *homeschooling*, é o inverso disso e significa a alienação da criança quanto ao pluralismo presente na sociedade, pois o interior representa o monólogo, a não contradição, isolando-a da vida real. Neste caso, as chances da criança se acostumar com teorias conspiratórias, *fake news*, terraplanismo e outras aberrações, é grande, pois vai assimilar somente o que é repetido em casa sem outro parâmetro. E mais: tende a se acostumar à ideia de que o que vale são as opiniões pessoais, “pós-verdades” e doutrinas sectárias. Não que pela escola possa se garantir que isso não aconteça, mas é fundamental existir o contraditório para “testar” nossas crenças, saberes e valores.

Assim, a aprovação do *homeschooling* no Congresso Nacional [rumando ao Senado] representa mais uma fissura na escola brasileira e mais um avanço contra o financiamento público da educação, sua universalidade e gratuidade. Além disso, representa também uma afronta à população mais pobre e vulnerável, que jamais conseguiria arcar com os custos de um modelo caro como esse. Como se não bastassem os diversos *apartheids* sociais, teremos agora o educacional, separando aqueles que terão acesso a uma modalidade elitizada de educação, na forma de preceptoria de professores *delivery*, dos que seguem dependentes de um sistema historicamente sucateado que, apesar de tudo, teima em resistir.

As implicações, todavia, são muitas da aprovação do ensino domiciliar, aqui apontamos somente a ponta do *iceberg*.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Teoria da semi-cultura**. Porto Velho: Edufro, 2005.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BREWER, T. J.; LUBIENSKI, C. Homeschooling in the United States: Examining the rationales for individualizing education. **Pro-posições**, Campinas. v. 28, n. 2, p. 21-38, maio/ago. 2017.



CHESNAIS, F. et al. **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003.

ELLIOTT, A. A teoria do novo individualismo. **Sociedade e Estado**, Brasília. v. 33, n. 2, p. 465-486, maip/ago. 2018.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAVIANI, D. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 3ª edição. Campinas, SP; Autores Associados, 2011, Coleção memória da educação.

VENTURA, Lidnei. Homeschooling ou a educação sitiada no *intèrieur*: notas a partir de Walter Benjamin. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–18, 2020.